

Autor best-seller do *The New York Times*

# TIMOTHY KELLER

e Katherine Leary Alsdorf

## COMO INTEGRAR

# FÉ

&

# TRABALHO

*Nossa profissão a serviço  
do reino de Deus*

  
VIDA NOVA

COMO INTEGRAR

**FÉ** &

**TRABALHO**



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

---

Keller, Timothy

Como integrar fé e trabalho: nossa profissão a serviço do reino de Deus/Timothy Keller e Katherine Leary Alsdorf; tradução de Eulália Pacheco Kregness. – São Paulo: Vida Nova, 2014.

recurso digital; 6 MB

ISBN 978-65-86136-25-8 (recurso eletrônico)

Título original: *Every good Endeavor: Connecting Your Work to God's Work*

1. Trabalho – Aspectos religiosos – Cristianismo 2. Vida religiosa 3. Sacerdócio 4. Fé I.  
Título II. Kregness, Eulália P.

14-0223

CDD 253

---

**Índices para catálogo sistemático**

1. Vida religiosa – sacerdócio

Autor best-seller do *The New York Times*

# TIMOTHY KELLER

e Katherine Leary Alsdorf

## COMO INTEGRAR **FÉ & TRABALHO**

*Nossa profissão a serviço  
do reino de Deus*

tradução

Eulália Pacheco Kregness

  
VIDA NOVA

Copyright ©2012 Redeemer City to City e Timothy Keller

Título do original: *Every Good Endeavor: Connecting Your Work to God's Work*

Traduzido a partir da primeira edição publicada pela Dutton, empresa pertencente ao Penguin Group, EUA.

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020

vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2014

Edição digital: maio de 2020

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

---

SUPERVISÃO EDITORIAL

Marisa K. A. de Siqueira Lopes

EDIÇÃO DE TEXTO

Curtis A. Kregness

Marisa K. A. de Siqueira Lopes

COPIDESQUE

Rosa M. Ferreira

REVISÃO DE PROVAS

Fernando Mauro S. Pires

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

REVISÃO GRÁFICA

Ubevaldo G. Sampaio

DIAGRAMAÇÃO

Luciana Di Iorio

CAPA

Wesley Mendonça

PRODUÇÃO DO ARQUIVO EPUB

Booknando

---

À equipe e aos líderes voluntários do Center for Faith & Work [Centro para Fé e Trabalho] da Redeemer Presbyterian Church, que têm levado nossa congregação a entender que o evangelho transforma de verdade todas as coisas.

Em 1957, vivenciei, pela graça de Deus, um despertar espiritual que resultou em vida mais produtiva, mais rica e mais completa. Naquela época, como forma de gratidão, pedi humildemente os recursos e o privilégio de levar felicidade às pessoas por intermédio da música. Creio que isso me foi concedido pela graça de Deus. A ELE SEJA TODA A GLÓRIA...

Este álbum é uma oferta humilde a Deus. Uma tentativa de dizer “MUITO OBRIGADO, SENHOR” por meio do trabalho que realizamos com o coração e os lábios. Que Deus ajude e fortaleça a todos em toda boa obra.

John Coltrane, extraído do encarte de *A Love Supreme*

# Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Introdução

## **PARTE 1.**

### **O plano de Deus para o trabalho**

UM.

O *design* do trabalho

DOIS.

A dignidade do trabalho

TRÊS.

O trabalho como cultivo

QUATRO.

O trabalho como serviço

## **PARTE 2.**

### **Nossas dificuldades com o trabalho**

CINCO.

O trabalho se torna infrutífero

SEIS.

O trabalho perde o sentido

SETE.

O trabalho se torna egoísta

OITO.

O trabalho revela nossos ídolos

### **PARTE 3.**

#### **O evangelho e o trabalho**

NOVE.

Novo enredo para o trabalho

DEZ.

Novo conceito de trabalho

ONZE.

Nova direção para o trabalho

DOZE.

Novo poder para o trabalho

Epílogo: Orientando os cristãos a integrar fé e trabalho

Biografia dos autores

# Agradecimentos

O nome da Katherine e o meu estão na capa deste livro, mas o capitão do time é Scott Kauffmann, cujos conselhos e extenso trabalho editorial foram cruciais para sua existência. A longa experiência no mundo corporativo e a perspicácia, assim como o traquejo com as palavras, habilitaram Scott de modo extraordinário a nos conduzir na produção deste trabalho conjunto. Se este livro lhe for útil, caro leitor, agradeça ao Scott. Como sempre, sou grato a David McCormick e Brian Tart, cujo apoio editorial continua favorecendo o crescimento literário da Redeemer Church.

Também tenho de reconhecer o impacto que dois amigos tiveram na compreensão que tenho do assunto deste livro. Mike Bontrager e Don Flow são cristãos envolvidos com o mundo corporativo que, a meu ver, aliam a fé evangélica ao trabalho diário por meio de uma integração fiel e repleta de contentamento. Minha tarefa é expor as Escrituras e fazer discípulos, mas sem o exemplo deles — e sua habilidade em me discipular — eu não teria entendido tão bem muito do que a Bíblia ensina sobre trabalho.

Por fim, meus agradecimentos àqueles a quem este livro é dedicado — a equipe e os líderes leigos do Centro para Fé e Trabalho de nossa igreja — por enfrentarem as dificuldades e analisarem as implicações da integração entre fé e trabalho. Só podemos escrever a respeito porque vocês fazem tudo isso. Sob a liderança da Katherine, a equipe do CFW — Kenyon Adams, Chris Dolan, Calvin Chin, Maria Fee, David Kim e Amilee Watkins — não apenas leu e aprendeu, discutiu e aplicou, desenvolveu e ensinou a teologia do trabalho apresentada neste livro. Eles se dispuseram a vivê-la no

trabalho — ou seja, analisaram suas próprias motivações, aplicaram o evangelho aos próprios corações, testemunharam a mudança que lhes aconteceu e trabalharam com a alegria resultante da profunda apreciação bíblica do trabalho. Nossos líderes leigos, em meio às dificuldades e aos aborrecimentos de suas profissões e atividades, estão lutando com Deus em relação a seus próprios desejos e motivações porque desejam vê-lo trabalhando. São transparentes a fim de ajudar outros a crescer no conhecimento e na prática. Parabenizamos vocês, pois, ao fazerem o que fazem, vocês testemunham do evangelho — as boas-novas do reino vindouro de Deus — na cidade onde o Senhor os colocou.

## Prefácio

Em 1989 uma amiga insistiu para que eu visitasse sua igreja, que começava a se formar em Manhattan e chamava-se Redeemer Presbyterian Church. Havia alguns anos, eu me sentia plenamente vacinada contra igrejas, convencida de que a religião de minha família continha mais forma do que substância e de que todas as lições que porventura tivesse aprendido quanto ao assunto haviam sido rapidamente superadas pelo pensamento esclarecido por meus estudos. Contudo, a Redeemer captou minha atenção de várias maneiras: o pastor era inteligente e falava como gente comum, parecia levar a Bíblia muito a sério e buscava aplicá-la a aspectos da vida que me eram importantes — como o meu trabalho.

Alguns anos depois, tomei a decisão de abraçar a fé e “entregar minha vida” às verdades e promessas da Bíblia. Admito que tive medo de que esse compromisso matasse minhas ambições profissionais e regalias materiais, pois dois de meus irmãos que haviam se tornado cristãos foram “chamados” a ser missionários em outros países. Um deles vivia em uma área rural da África sem água corrente nem eletricidade. Se eu estava mesmo decidida a colocar Deus em primeiro lugar, teria de aceitar seu chamado para servi-lo *onde quer que fosse*. E ele de fato chamou. Algumas semanas após minha decisão, fiquei perplexa com a doença repentina que acometeu meu chefe, o diretor-executivo da empresa — e com seu pedido para que eu o substituísse à frente dos negócios. Em vista das circunstâncias, entendi que a vontade de Deus era que eu fizesse minha parte não no terceiro mundo, e sim no mundo dos negócios.

Na década seguinte, exerci liderança executiva em várias empresas de tecnologia na cidade de Nova York, na Europa e no Vale do Silício [Califórnia]. Em cada trabalho e a cada dia eu me debatia com o que significava ser “chamada para servir a Deus” como líder no campo empresarial. A Redeemer Church e Tim Keller, seu pastor sênior, tinham me oferecido bons fundamentos. Entendi que deveria ser transformada pelo evangelho de Jesus Cristo e, portanto, ser “usada por Deus” em meus relacionamentos, quem sabe até ser diferente na maneira de gerenciar as empresas. Belos conceitos, mas como funcionavam na prática?

Os exemplos eram poucos e, aos meus olhos, pareciam remanescentes de uma época em que a maioria dos americanos ia à igreja. Um diretor-executivo me disse que deixava uma Bíblia em cima da escrivaninha e que de vez em quando alguém perguntava o motivo. Outro costumava orar pelos negócios, e a empresa estava indo de vento em popa. Para muitos o trabalho era o meio principal de ganharem muito dinheiro que seria destinado a instituições de caridade e organizações de sua preferência. Quando perguntei a pastores e empresários de que modo sua fé se relacionava ao trabalho que exerciam, geralmente a resposta era que a missão principal, se não única, do cristão no ambiente de trabalho era evangelizar os colegas. Contudo, a maioria dos empresários se apressava em esclarecer que evangelismo não era um de seus dons. Nenhuma das respostas abordava a questão de como a fé deveria influenciar a *maneira* de o cristão trabalhar.

O mundo emergente da inovação tecnológica, especialmente na década de 1990, era muito cheio de si. Os empresários e engenheiros eram vistos como deuses em nossa cultura, e a tecnologia era a resposta para todos os problemas do mundo. Meus funcionários demonstravam mais fervor evangélico quanto à visão (e tecnologias) da empresa do que os membros de qualquer igreja que eu havia conhecido. A esperança gerada por uma IPO<sup>1</sup> era bem mais tangível e motivadora do que os cenários etéreos do céu

retratados pelo mundo cristão. Na maior parte do tempo eu trabalhava com gente muito boa — pessoas maduras, de caráter admirável, que se esforçavam para contribuir de modo significativo com a sociedade e que pareciam não necessitar de igreja ou do Jesus da Bíblia para fazer isso. Com pessoas que não partilhavam de minha fé, aprendi lições inestimáveis sobre alegria no serviço, paciência e esperança, trabalho de equipe e sinceridade no falar. Pelo jeito, os membros de minha equipe que passavam o fim de semana em retiros de meditação voltavam mais renovados do que as pessoas que cultuavam juntas no domingo em uma igreja evangélica. Passei a ver meu trabalho mais como um cadinho em que Deus estava me esmagando, me moendo e refinando do que um local onde eu o servia de modo ativo e eficiente.

Eu cria na verdade do evangelho — que Deus criou todas as coisas, criou o homem à sua imagem e enviou seu Filho para resgatar tudo o que se havia perdido. Também acreditava que Deus tinha um plano para mim como funcionária e líder, bem como para muitas outras pessoas com potencial de transformar o mundo para melhor. Entretanto, no mundo corporativo que gerenciava e liderava, onde a competitividade nos empurra a vencer a qualquer preço, eu não fazia a menor ideia de como colocar em prática o plano de Deus.

Com exceção da Redeemer Presbyterian Church, as igrejas que encontrei não ofereciam muita orientação sobre como eu deveria fazer isso. A maioria dos pastores se preocupava mais em nos ajudar a servir dentro da igreja do que em nos discipular e equipar para servir no mundo. No final da década de 1990, nos tempos de expansão no Vale do Silício, muitas igrejas pareciam indiferentes a qualquer tipo de decadência do mundo ou de si mesmas. Muitos dos que se importavam verdadeiramente com os pobres não tinham noção de como os sistemas, estruturas e metodologias industriais contribuía para as rupturas na sociedade. O ato de exercitar a fé no ambiente de trabalho me parecia relegado a pequenos gestos

simbólicos, à abstenção moralista de certos comportamentos e a certos posicionamentos políticos a respeito das mais importantes questões culturais e jurídicas do momento.

A última empresa que gerenciei me ofereceu uma experiência fantástica de liderança. Ocupei o lugar de seu fundador, que havia induzido a maioria de sua equipe e seus primeiros clientes a ter uma visão extraordinária de inovação de produto e riquezas provenientes de IPO. No início do ano 2000, os bancos de investimento brigavam pela compra de nossa empresa, cortejando-nos com cifras potenciais de 200 a 350 milhões de dólares em IPO. Ainda não tínhamos os produtos, mas vários estavam em fase de desenvolvimento e sendo testados por clientes em potencial. Minha tarefa era conquistar a confiança da equipe, dos investidores e dos clientes, enquanto colocava no mercado produtos que cumprissem o prometido e gerassem equilíbrio financeiro à empresa. A pressão para avançarmos nessas áreas era incessante. Durante o processo, eu pensava desesperadamente sobre o lugar do evangelho nisso tudo. Algumas observações que fiz naquela época foram:

- O evangelho me garante que Deus se importa com tudo o que realizo e ouve minhas orações. Ele talvez não responda como desejo e, se não o faz, é porque sabe de coisas que eu desconheço. Meu grau de sucesso ou fracasso é parte de seu plano excelente para minha vida. Deus é minha fonte de poder e perseverança.
- O evangelho ensina que Deus se importa com os produtos que fabricamos, as empresas para as quais trabalhamos e os clientes a quem servimos. Além de nos amar, Deus também ama o mundo e espera que o sirvamos com excelência. Meu trabalho é um caminho decisivo para Deus cuidar dos seres humanos e renovar seu mundo. Deus nos dá visão e esperança.

- O evangelho significa boas-novas, boas notícias. Nas palavras do pastor e conselheiro Jack Miller: “Alegre-se: você é um pecador bem pior do que ousa imaginar e muito mais amado do que ousa esperar”.<sup>2</sup> Ou seja, continuarei errando e pecando, mas ainda assim Deus prevalecerá em minha vida por meio de sua bondade e graça.
- O evangelho confere significado ao nosso trabalho como líderes. Devemos tratar dignamente todas as pessoas e o trabalho que realizam. Temos de proporcionar um ambiente onde os funcionários se desenvolvam e usem os talentos que Deus lhes deu para melhorar a sociedade. Temos de personificar graça, verdade, esperança e amor nas organizações que construímos.
- Devemos dar testemunho de nosso relacionamento com Deus e de sua graça para conosco na maneira de falar, trabalhar e liderar, não como se fôssemos exemplos de perfeição, mas como aqueles que apontam o caminho de Cristo.

Após um ano e meio de trabalho implacável, a empresa faliu. Fazíamos parte da bolha da Internet e, quando ela estourou, fomos juntos. Embora nosso produto tenha sido lançado no mercado na data prevista, não conseguimos levantar o dinheiro adicional necessário depois que o investimento inicial secou. Contratamos agentes financeiros para encontrar um comprador que, ao menos, nos permitisse conservar o produto no mercado, manter alguns funcionários trabalhando e fornecer algum retorno aos nossos investidores. No entanto, as oscilações do mercado assustaram o comprador com quem estávamos negociando, que acabou desistindo poucos dias antes da assinatura do contrato. Tive de dispensar uma centena de funcionários no dia seguinte e, depois, vender nossa propriedade intelectual.

Como é que todo esse trabalho duro e bem-feito deu tão errado? Minhas indagações e meus protestos a Deus eram feitos em nível pessoal,

empresarial e industrial. Por que Deus não nos levara ao sucesso quando era óbvio que me havia “chamado” para realizar esse trabalho? Tentei ser justa com nossos funcionários e agora eles estavam desempregados em um mercado em colapso. Fiquei imaginando se eu não havia contribuído para a “bolha da Internet e sua explosão” por causa da visão de nossa empresa de obter rendimentos e valorizações estratosféricos e imediatos. Quais eram minhas responsabilidades diante de nossos acionistas e da sociedade em geral? Os únicos empresários cristãos que eu tinha ouvido davam crédito a Deus pelos grandes sucessos alcançados; como eu deveria lidar com o fracasso? Eu queria um evangelho que anunciasse boas notícias até mesmo nessa situação.

Algo extraordinário aconteceu quando avisei aos funcionários que a empresa fecharia as portas no dia seguinte, embora só algum tempo depois eu tenha entendido plenamente a dádiva e a beleza absoluta do acontecido. Os funcionários, inteiramente por conta própria, compareceram no dia seguinte com o propósito de celebrar uns aos outros e o trabalho que haviam realizado. Apesar do gostinho de tristeza que permeava a festa, alguns funcionários trouxeram instrumentos musicais e cantaram para o grupo, outros fizeram demonstrações de *tai chi* que aprenderam em aulas realizadas após o expediente e todos riram se lembrando dos momentos divertidos que passaram juntos. Fiquei de queixo caído. Eles estavam dando honra a uma cultura, a uma organização que lhes havia proporcionado alegria no trabalho e nos relacionamentos — apesar do resultado final. Mais tarde, passei a ver aquele dia como um vislumbre de Deus no ambiente de trabalho, na maneira de Deus fazer as coisas: curando, renovando e redimindo.

Poderíamos chamar de justiça poética o fato de que a resposta à desilusão total que sofri quanto à falta de apoio das igrejas veio seis meses depois, quando a Redeemer Presbyterian Church me convidou para retornar a Nova York e ajudar na implantação de um ministério no mundo

corporativo. Após uma década lutando com Deus, analisando o poder transformador do evangelho e reclamando da falta de orientação e apoio da igreja no ambiente de trabalho, recebi a chance de ajudar outros a dar um testemunho melhor da esperança e verdade do evangelho em seu chamado profissional.

Este livro reúne algumas diretrizes fundamentais de entendimento sobre Deus, Jesus e o Espírito Santo; sobre quem somos em relação a essa Trindade divina; e sobre como tudo isso afeta o trabalho para o qual fomos criados. Nosso modo de trabalhar — no contexto de nossa cultura particular, da época da história em que vivemos, de nossa vocação e organização — é algo que todos temos de avaliar muito bem em nossas comunidades. Todas as respostas, no entanto, dependem desta teologia fundamental: saber quem Deus é, entender seu relacionamento com os seres humanos, seu plano para o mundo e como as boas-novas (o evangelho) sobre Jesus Cristo viram de cabeça para baixo nossa vida e a maneira de trabalharmos.

Sou grata a Tim Keller por aplicar o evangelho à carreira profissional em sua liderança e mensagens nestes últimos 25 anos. Também sou grata por ele ter investido tempo em transformar esses fundamentos em livro, de modo que todos nós possamos ir mais fundo e descobrir como Deus quer que vivamos fielmente em nossa área de trabalho.

KATHERINE LEARY ALSDORF

Diretora-executiva do Centro para Fé e Trabalho da  
Redeemer Presbyterian Church

---

<sup>1</sup> Sigla de *inicial public offering*, expressão que se refere à entrada de uma empresa no mercado de ações. [N. do T.]↵

<sup>2</sup>C. John “Jack” Miller foi pastor da New Life Presbyterian Church, da qual a família da autora fez parte na década de 1980. Embora, até onde sabemos, a frase não tenha sido publicada em nenhum livro de Jack, ele a repetia com frequência em suas pregações e palestras.↵

# Introdução

## A importância de resgatar a vocação

Em seu consagrado livro *Habits of the Heart* [Hábitos do coração], Robert Bellah levou muitas pessoas a identificar o que destruíra (e ainda destrói) a natureza coesiva de nossa cultura: o “individualismo expressivo”. Em outra obra, Bellah afirma que os americanos desenvolveram uma cultura que valorizou de tal modo a escolha e a manifestação individual que qualquer forma de vida compartilhada, verdades preponderantes ou valores que nos uniam deixaram de existir. Como Bellah escreveu:

“... estamos nos encaminhando para uma validação ainda maior da sacralização do indivíduo, [mas] nossa capacidade de imaginar uma estrutura social que mantenha as pessoas unidas está desaparecendo [...] A sacralização do indivíduo não é equilibrada por nenhuma noção do todo ou preocupação com o bem comum”.<sup>1</sup>

Porém, quase no final de *Habits of the Heart*, o autor propõe uma medida bastante eficiente para o reentrelaçamento da cultura fragmentada:

Para que a diferença seja real [...] [teria de haver] uma reapropriação do conceito de vocação ou chamado, um retorno à noção de trabalho sob uma nova ótica que o veja como contribuição para o bem comum, e não meramente como um meio para o progresso individual.<sup>2</sup>

Trata-se de uma afirmação surpreendente. Se Bellah estiver correto, uma das esperanças para nossa sociedade fragmentada é a redescoberta do conceito de que todo e qualquer trabalho humano não é simplesmente uma tarefa, mas um *chamado*. O termo latino *vocare* — chamar — é raiz de nossa palavra “vocação”. Hoje a palavra remete apenas a trabalho, mas este

não era o sentido original. O trabalho só é uma vocação se alguém chamar você para fazê-lo e se ele for feito para quem o chamou, e não para você mesmo. Da mesma forma, nosso trabalho só é um chamado se for repensado como uma missão ou um serviço em favor de algo acima dos nossos meros interesses pessoais. Veremos mais tarde que enxergar o trabalho principalmente como meio de satisfação e realização individual destrói lentamente a pessoa e — como Bellah e muitos outros enfatizaram — solapa a própria sociedade.

No entanto, se vamos “reapropriar” uma ideia antiga, temos de analisar sua origem. Nesse caso, a fonte da ideia de trabalho como vocação é a Bíblia Sagrada. Portanto, inspirando-nos na proposta de Bellah, faremos o possível neste livro para ajudar a esclarecer a conexão transformadora e revolucionária entre a fé cristã e o local de trabalho. Vamos nos referir a essa conexão — e às ideias e práticas que a cercam — como “integração entre fé e trabalho”.

## As muitas “correntes” sobre fé e trabalho

Não estamos sozinhos nessa tentativa. Talvez desde a Reforma Protestante não se tenha dado tanta atenção ao relacionamento da fé cristã com o trabalho como hoje em dia. O número de livros, pesquisas sérias, programas acadêmicos e debates online sobre o assunto cresceram exponencialmente nas duas últimas décadas. Mesmo assim, os cristãos que buscam orientação prática sobre como agir no trabalho são, de modo geral, mal servidos por esse movimento crescente. Alguns, como Katherine Alsdorf (veja Prefácio), frustram-se com a superficialidade dos conselhos e exemplos. Outros ficam perplexos com a diversidade — alguns diriam dissonância — de conselhos em como ser cristão no ambiente de trabalho.

Imaginemos o atual “movimento fé e trabalho” como um rio alimentado por diversas correntes vindas de muitas fontes. Talvez a maior parte da

força e a maioria dos grupos que querem ajudar as pessoas a integrar fé e trabalho estejam entre os que têm uma compreensão evangélica da Bíblia e da fé cristã, mas outras tradições e alas da fé também têm dado contribuição importante. O movimento ecumênico enfatizou que os cristãos devem usar seu trabalho para promover a justiça social no mundo. Isso nos fez entender que o trabalho fiel exige a aplicação de uma ética distintamente cristã.<sup>3</sup> O movimento de pequenos grupos, que surgiu no século 20, enfatizou a necessidade de os cristãos oferecerem nutrição e apoio mútuos para enfrentar as lutas e dificuldades no ambiente de trabalho. Isso mostrou que o trabalho fiel requer renovação espiritual interior e mudança de coração.<sup>4</sup> O impulso reavivalista no evangelicalismo enxerga o local de trabalho principalmente como um lugar onde devemos testemunhar de Jesus Cristo.<sup>5</sup> O trabalho fiel implica, sim, em algum tipo de identificação com Jesus Cristo, de tal modo que colegas mostrem interesse em saber mais a respeito do Senhor.

Muitos também buscam fontes mais antigas para integrar fé e trabalho. Os reformadores protestantes do século 16, particularmente Martinho Lutero e João Calvino, defendiam que todos os tipos de trabalho, até mesmo o secular, eram um chamado de Deus tanto quanto o ministério de um monge ou sacerdote.<sup>6</sup> As fontes da teologia luterana davam ênfase especial à dignidade de todo e qualquer trabalho, observando que Deus cuidava, alimentava, vestia, abrigava e sustentava a raça humana por meio do trabalho do ser humano. Quando trabalhamos, somos, como a tradição luterana afirmava, os “dedos de Deus”, os agentes de seu amor providencial aos outros. Essa compreensão eleva o propósito do trabalho de ganha-pão para amor ao próximo e, ao mesmo tempo, nos liberta do fardo esmagador de trabalhar especialmente para provar nosso valor. Seguidores da tradição calvinista, ou “reformada”, como Abraham Kuyper, abordaram outro aspecto do trabalho como chamado divino. Além de cuidar da criação, o trabalho a orienta e estrutura. Nessa visão reformada, o objetivo do

trabalho é desenvolver uma cultura que honre a Deus e capacite os seres humanos a prosperar. Claro que devemos amar o semelhante, mas o cristianismo nos oferece lições específicas sobre a natureza humana e o que estimula seu pleno desenvolvimento. Devemos nos assegurar que nosso trabalho seja realizado de acordo com essa compreensão. Portanto, trabalhar fielmente significa agir sob uma “cosmovisão” cristã.<sup>7</sup>

Todas essas diferentes tradições oferecem respostas um tanto diversas sobre como devemos resgatar a vocação. Em geral, as correntes parecem confusas para os cristãos, pois elas não se complementam perfeitamente. A teologia luterana oferece certa resistência ao conceito reformado de “cosmovisão” e argumenta que a maneira de os cristãos realizarem seu trabalho não deve ser muito diferente da maneira dos não cristãos. A maioria das igrejas protestantes liberais não sente a mesma urgência que as igrejas evangélicas conservadoras sentem de evangelizar, pois não vê o cristianismo clássico como o único caminho para a salvação. Muitas pessoas acham que a ênfase dos escritores e das organizações que se orientam pela cosmovisão é cognitiva demais, com pouca ênfase na mudança interior. E mesmo essas pessoas não chegam a um acordo sobre o que significa transformação interior e crescimento espiritual. Portanto, se você é um cristão que procura ser fiel em seu trabalho, talvez se veja tentando pesar noções tão variadas quanto estas:

- O modo de servir a Deus no trabalho é promovendo justiça social no mundo.
- O modo de servir a Deus no trabalho é sendo honestos e evangelizando os colegas.
- O modo de servir a Deus no trabalho é executando-o com toda a nossa capacidade.
- O modo de servir a Deus no trabalho é criando algo belo.

- O modo de servir a Deus no trabalho é exercendo sua profissão com motivação cristã para a glória de Deus, buscando engajar-se na cultura e influenciá-la com esse propósito.
- O modo de servir a Deus no trabalho é exercendo sua profissão de coração agradecido, alegre, transformado pelo evangelho, sejam quais forem as circunstâncias.
- O modo de servir a Deus no trabalho é fazendo o que nos dá mais alegria e entusiasmo.
- O modo de servir a Deus no trabalho é obtendo o maior lucro financeiro possível, para, então, ser tão generoso quanto possível.

Até onde essas noções se complementam ou se opõem? É uma pergunta difícil, porque todas têm pelo menos um pouco de base bíblica. A dificuldade reside não apenas na grande quantidade de compromissos e fatores teológicos envolvidos, mas também em como eles funcionam de diferentes maneiras, dependendo do campo ou forma de trabalho. A ética cristã, mas também motivos cristãos, identidade cristã, testemunho cristão e cosmovisão cristã moldam nosso trabalho de modos bem diferentes conforme o tipo de trabalho.

Por exemplo, suponhamos que uma artista plástica cristã mostre habitualmente sua preocupação com a justiça social, conduza sua carreira com honestidade em todas as transações comerciais, receba o apoio de amigos para atravessar os altos e baixos da vida, testemunhe de sua fé aos colegas de profissão e veja sua arte como um serviço a Deus e ao próximo, e não um modo de conseguir autoestima e fama. Isso é tudo o que é necessário para integrar fé e trabalho? Além de tudo isso, será que o ensinamento cristão sobre a natureza da realidade influencia o que essa artista retrata de tal realidade e como ela a retrata por meio de sua arte? Influenciará as histórias que ela conta com sua arte? Sua arte será influenciada por suas crenças sobre pecado, redenção e esperança para o

futuro? Acredito que sim. Dessa forma, descobrimos que o trabalho fiel envolve vontade, emoções, alma e mente — à medida que refletimos sobre as implicações de nossas crenças e as vivenciamos no contexto de nosso trabalho diário.

Contudo, e se você for um sapateiro cristão ou pianista? De que maneira uma cosmovisão cristã afeta o tipo de sapato que fabrica ou como toca a *Sonata ao luar*? A resposta não é muito clara.

Quem nos libertará de toda essa complexidade? A maioria das pessoas que começam a ler livros ou envolver-se em grupos que integram fé e trabalho geralmente: a) adota apenas uma das correntes teológicas; ou b) fica confusa com a leitura ou o ensino contraditório das diferentes correntes. Igrejas e organizações que se preocupam com a relação entre fé e trabalho tendem a certo desequilíbrio ao destacar um ou mais desses aspectos e excluir outros. No entanto, simplesmente combinar todas as ênfases — e esperar que produzam algo coerente — também não é a solução.

Não temos a pretensão de resolver neste livro todas essas diferenças. Mas esperamos deixar as coisas mais claras. Para começar, fazemos duas observações sobre a lista de proposições anteriormente oferecida. Primeiro, se você analisar cada uma das proposições acrescentando a palavra “principal” — como “o modo *principal* de servir a Deus no trabalho é...” — então as noções vão de fato contradizer-se. Você terá de escolher uma ou duas delas e descartar as restantes. Na verdade, a maioria das pessoas que discorrem sobre fé e trabalho faz exatamente isso, de modo tácito ou explícito. No entanto, se você mantiver as proposições da maneira que estão, entendendo que cada uma é um modo de servir a Deus por meio do trabalho, então as diferentes afirmações acabarão se complementando. Segundo, como já observamos, esses fatores podem assumir formas bem diferentes dependendo de nossa vocação em particular, da cultura e do momento histórico. Quando mantemos esses dois princípios em mente,

seguimos em frente enxergando as diversas correntes, afirmações e verdades como uma caixa de ferramentas a ser usada na construção de um modelo que integre fé e trabalho em nosso campo de atuação, tempo e contexto.

Tão importante quanto esclarecer essas ideias, nosso objetivo é torná-las mais vívidas, reais e práticas. Nosso alvo é alimentar a imaginação do leitor e estimular sua atitude com a riqueza do que a fé cristã afirma (direta e indiretamente) sobre esse assunto inesgotável. A Bíblia fervilha de sabedoria, recursos e esperança para quem está aprendendo a trabalhar, procurando trabalho, tentando trabalhar ou para quem irá um dia trabalhar. Quando afirmamos que a Bíblia “nos dá esperança” para trabalhar, reconhecemos tanto que o trabalho pode ser imensamente frustrante e difícil quanto que nossa esperança espiritual deve estar profundamente enraizada, se desejamos enfrentar o desafio de buscar nossa vocação neste mundo. Não conheço nenhum testemunho que mais instigue essa esperança do que a negligenciada historinha “Leaf by Niggle”, de J. R. R. Tolkien.

### Existe mesmo uma árvore

Quando J. R. R. Tolkien já estava escrevendo *O senhor dos anéis* havia algum tempo, chegou a um impasse.<sup>8</sup> Tolkien imaginava uma história até então nunca vista pelo mundo. Como professor especialista em inglês antigo e outras línguas antigas da Europa Setentrional, ele sabia que a maior parte da mitologia britânica da antiguidade sobre os habitantes dos “Reinos Encantados” — elfos, anões, gigantes e magos — havia desaparecido (ao contrário dos mitos dos gregos e romanos ou mesmo os dos escandinavos). O grande sonho de Tolkien era recriar e reimaginar a mitologia britânica antiga. *O senhor dos anéis* estava enraizado nesse mundo perdido. O projeto exigiu que ele criasse ao menos os rudimentos de vários idiomas e culturas imaginários como também resgatasse milhares de anos da história

de várias nações — tudo a fim de que a narrativa tivesse a profundidade e o realismo que, segundo Tolkien, se faziam necessários para que o conto fosse envolvente.

Enquanto trabalhava no manuscrito, Tolkien chegou ao ponto em que a narrativa se dividia em muitas subtramas. Personagens importantes viajavam a várias partes do mundo imaginário, enfrentavam múltiplos perigos e atravessavam circunstâncias complicadas. Era um desafio tremendo desenrolar todas essas subnarrativas de modo claro e, a seguir, dar a cada uma delas uma resolução satisfatória. Não somente isso, mas a Segunda Guerra Mundial estourou e, embora Tolkien, na época com 50 anos, não tivesse sido convocado para lutar, a sombra da guerra caiu pesadamente sobre ele. O escritor havia experimentado o horror da Primeira Guerra Mundial e jamais esquecera esse período terrível. A Grã-Bretanha estava em posição precária, sob invasão iminente. Quem poderia saber se ele sobreviveria, mesmo como civil?

Tolkien começou a se desesperar, achando que nunca terminaria a obra de sua vida. A essa altura, ela não era apenas o esforço de alguns anos. Quando começou a escrever *O senhor dos anéis*, Tolkien já havia trabalhado por décadas nos enredos, línguas e tramas que sustentavam a história. A possibilidade de não terminar o livro era “um pensamento terrível e paralisante”.<sup>9</sup> Naquela época, existia uma árvore ao lado da estrada perto da casa de Tolkien. Certa manhã, ele descobriu que a árvore havia sido podada e mutilada por um vizinho. O escritor passou a ver sua obra mitológica como sua “Árvore interior”, que poderia ter a mesma sorte. Sua “energia mental e inventiva” havia secado.<sup>10</sup> Um dia ele acordou com um conto na mente e colocou-o no papel. Quando o jornal *Dublin Review* lhe pediu um artigo, Tolkien enviou o conto, que havia intitulado “Leaf by Niggle”. Era sobre um pintor.

No começo da história, descobrimos duas coisas sobre o pintor. A primeira é que ele se chama Niggle. O *Oxford English Dictionary*, para o

qual Tolkien havia contribuído, define “niggle” como “trabalhar [...] de modo inútil ou ineficiente [...] desperdiçar tempo com detalhes insignificantes”.<sup>11</sup> Niggle, claro, era o próprio Tolkien, que sabia muito bem que esse era um de seus defeitos. Ele era perfeccionista, nunca satisfeito com o que produzia, sempre se desviando dos assuntos importantes e preocupando-se com detalhes de menor valor, propenso à ansiedade e à procrastinação. Niggle agia da mesma forma.

Também lemos que Niggle “tinha uma longa jornada a cumprir. Ele não queria ir, na verdade a coisa toda lhe desagradava muito, contudo o pintor não tinha outra saída”. Niggle vivia adiando a jornada, mas sabia que ela era inevitável. Tom Shippey, que também era professor de Literatura Inglesa Antiga em Oxford, explica que, na literatura anglo-saxônica, “longa e necessária jornada” significava a morte.<sup>12</sup>

Niggle estava tentando pintar um quadro específico. Ele tinha em mente a imagem de uma folha, e, depois, de uma árvore inteira. Em sua imaginação, atrás da árvore, “um país começou a aparecer; depois, vislumbres de uma floresta que se alastrava pela terra e cumes de montanhas cobertos de neve”. Niggle se desinteressou de todos os seus outros quadros e, para dar espaço à visão, arrumou uma tela tão grande que precisou de uma escada. Niggle sabia que teria de morrer, mas disse a si mesmo: “Seja como for, terminarei este quadro, meu quadro verdadeiro, antes de iniciar essa jornada deplorável”.

Então, Niggle trabalhou em sua tela, “dando um toque aqui, retirando um borrão ali”, mas sem fazer muito progresso. Havia dois motivos para isso. Primeiro, ele era o “tipo de artista mais habilidoso em pintar folhas do que árvores. Niggle gastava muito tempo em uma única folha...” tentando conseguir o tom exato, o reflexo exato e as gotas de orvalho mais precisas. Assim, por mais que se esforçasse, muito pouco era retratado na tela. O segundo motivo era seu “coração gentil”. Niggle estava sempre interrompendo a pintura para atender às necessidades de alguém. De

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Como integrar fé e trabalho: nossa pro..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).